

O que dizem: citações brasileiras sobre os jornais

“O primeiro dever do homem em sociedade é ser útil aos membros dela e cada um deve, segundo suas forças físicas ou morais, administrar, em benefício da mesma, os conhecimentos ou talentos que a natureza, a arte ou a educação lhe prestou. O indivíduo que abrange o bem geral duma sociedade, vem a ser o membro mais distinto dela: as luzes que ele espalha tiram das trevas ou da ilusão aqueles que a ignorância precipitou no labirinto da apatia, da inépcia e do engano. Ninguém mais útil, pois, do que aquele que se destina a mostrar com evidência os acontecimentos do presente e desenvolver as sobras do futuro. Tal tem sido o trabalho dos redatores das folhas públicas quando estes, munidos de uma crítica sã e de uma censura adequada representam os fatos do momento, as reflexões sobre o passado e as sólidas conjecturas sobre o futuro.”

Primeiro parágrafo do nº 1 do Correio Braziliense – junho de 1808.

“Incapazes de resistir à evidência dos argumentos positivos sobre que se apóia a necessidade de imprensa, os amigos das trevas se vestem da capa da moral e do sossego público, apontam os abusos desta liberdade, a calúnia, a difamação, as provocações diárias, os axincalhes continuados, que tornam a vida um suplício. É, meu Deus! Os abusos? E do que se não abusa neste mundo? Forte raciocínio! E porque se abusa de uma qualquer coisa, já, já suprima-se? E aonde iríamos com estas supressões? Um mau juiz abusa do seu ministério: suprima-se a magistratura; um mau sacerdote abusa da religião: suprima-se a religião; um mau marido abusa do matrimônio: suprima-se o matrimônio! Forte raciocínio, dizemos outra vez! Suprimam-se os abusos que será melhor. A lei contra os abusos existe; sirvam-se dela; e, se não é

boa, faça-se outra; e liberdade a todos de esclarecerem os legisladores, pela imprensa livre.”

Líbero Badaró.

“A imprensa é o melhor corretivo para a imprensa”.

D. Pedro II, em 30/8/1883, ao discordar da proposta do jornalista Carl Von Koseritz de que a Associação dos Homens de Letras do Brasil servisse também como tribunal de honra que exercesse “uma influência moralizadora sobre a imprensa” – na qual a família imperial era duramente atacada.

“A imprensa é a vista da Nação. Por ela é que a Nação acompanha o que lhe passa ao perto e ao longe, enxerga o que lhe malfazem, devassa o que lhe ocultam e tramam, colhe o que lhe sonegam, ou roubam, percebe onde lhe alvejam, ou nodoam, mede o que lhe cerceiam, ou destroem, vela pelo que lhe interessa, e se acautela do que a ameaça.”

Rui Barbosa, em *A imprensa e o dever da verdade*

“O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das idéias e o fogo das convicções.”

Machado de Assis, em *O Jornal e o Livro*.

“Por honra do nosso jornalismo, a imprensa tem sido a grande arma de combate contra a escravidão e o instrumento da propagação das idéias novas; os esforços tentados para a criação de um órgão negro naufragaram sempre. Ou se insinue timidamente, ou se afirme com energia, o pensamento dominante no jornalismo todo, de Norte a Sul, é a emancipação. Mas, para fazer o vácuo em torno do jornal e do livro, e de tudo que pudesse amadurecer antes do tempo a consciência do abolicionista, a escravidão por instinto procedeu repelindo a escola, a instrução pública, e mantendo

o país na ignorância e escuridão, que é o meio em que ela pode prosperar. A senzala e a escola são pólos que se repelem.”

Joaquim Nabuco, em O Abolicionismo.

“Não nos faltam jornalistas, faltam leitores.”

Olavo Bilac, no Correio Paulistano, em 14/12/1907.

“Não se pode negar o poder econômico sobre a imprensa como sobre qualquer outra atividade humana, no Estado moderno. No regime democrático, porém, este poder econômico atuando livremente atua diversamente, isto é, se distribui entre diferentes opiniões que oferecem base e apoio a diferentes tipos de jornais. A submissão dos jornais aos governos não diminui a influência do poder econômico sobre eles; apenas concentra este poder que, exercendo-se sobre o governo, faz dele o seu conduto único de pressão sobre a imprensa. Então, ainda que nos situemos no campo exclusivamente material do interesse econômico, desprezando a parte moral e ideológica que sabemos existir na imprensa, ficaremos diante de um poder econômico que atua sem oposição, o que é muito pior, pois livre da fiscalização e da crítica dos interesses contrários ele se expande em plena tranqüilidade, e sempre em prejuízo da moral pública e das verdadeiras necessidades do povo.”

Afonso Arinos de Melo Franco.

“Na América Latina ninguém funda um jornal para negócio, para fazer dinheiro. O dinheiro pode vir como um inesperado dividendo, mas o jornal é fundado geralmente para fins políticos, sendo raro o que se torna financeiramente estável e forte com o correr do tempo.”

Danton Jobim, em Espírito do Jornalismo.

"Nada a declarar."

Armando Falcão, ministro da Justiça de Geisel, quando entrevistado sobre qualquer assunto que considerasse confidencial ou polêmico.

“O censor federal proíbe a divulgação do discurso do líder da maioria, senador Filinto Muller, negando que exista censura no Brasil.”

Ordem da Polícia Federal passada ao *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1972.

“O valor da liberdade só pode ser realmente avaliado por aqueles que a perderam. E os jornais brasileiros, em vários momentos da nossa História, perderam a liberdade. Digo jornais no sentido amplo. Os meios de comunicação em vários momentos perderam essa liberdade.

E, quando a imprensa, os meios de comunicação perdem a liberdade, isso é simplesmente um sintoma de que o povo perde a liberdade, que é o mais grave. Trata-se, simplesmente, do efeito da perda de liberdade que o próprio povo sofre ou sofreu. Nós a reconquistamos e, efetivamente, hoje, se vive, com simplicidade, essa liberdade. Isso é que é bom. Vive-se com simplicidade. Quase já nem se nota que nós estamos num clima de grande liberdade. Isso é que é bom.”

Fernando Henrique Cardoso, ao assinar a Declaração de Chapultepec como Presidente da República em solenidade no Palácio do Planalto, em 06 de agosto de 1996.

“... eu devo à liberdade de imprensa do meu país o fato de termos conseguido, em 20 anos, chegar à Presidência da República do Brasil. Perdi três eleições. Eu duvido que tenha um empresário de imprensa que, em algum momento, tenha me visto fazer uma reclamação ou culpando alguém porque eu perdi as eleições.”

Luiz Inácio “Lula” da Silva, em discurso na cerimônia de assinatura da Declaração de Chapultepec, no Palácio do Planalto, em 3 de maio de 2006.